

O ATRASO MENTAL INFANTIL: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Germano Quintanilha Costa

Mestre em Cognição e Linguagem /UENF/RJ

gqcost@yahoo.com.br

RESUMO

Explorando na teoria psicanalítica os conceitos de desejo, pulsão e falo, pretende-se trabalhar a questão do atraso mental infantil num campo próprio da subjetividade humana: o inconsciente. Considerando a criança atrasada como um sujeito que se encontra num estado de indiferenciação em relação ao desejo de sua mãe, discute-se o lugar que ela ocupa no desejo materno e a repercussão deste fato para a constituição intelectual infantil. Partindo do conhecimento de que a criança atrasada está articulada a um discurso que aponta para a angústia materna, pretende-se demonstrar que par além dos déficits de capacidade, que possam existir em alguns casos, existe um outro elemento que exerce papel de empecilho para a constituição intelectual dessas crianças.

Palavras chave: atraso mental; subjetividade; desejo materno; inconsciente.

ABSTRACT

Exploring in the psychoanalytical theory the conceptions of desire, drive and phallus, intends to work the subject of the infantile mental delay in na own Field of the human subjectivity: the unconscious. Considering the delayed child as a buject whose desire is not differentiated od fer mother's desire, it is discussed the place that she occupies in the maternal desire and the repercussion of this fact for the infantil intellectual delopment. Demonstrating that the layed child is articulated in a speech that points for the maternal anguish, intends to demonstrate that for besides the faulty capacities, that can exist in some cases, there is another element that creates difficulties for those children's intellectual development.

Keywords: mental delay; subjectivity; maternal desire; unconscious.

INTRODUÇÃO

O homem moderno tem se deparado com inúmeras questões no que diz respeito à sua vida em sociedade. Em meio às tendências de globalização e de universalização das ações humanas, o homem moderno é aquele que procura encontrar o seu lugar entre dois opostos: a coletividade e a individualidade.

A padronização do mundo moderno, apesar de suas vantagens, tem levado o homem a uma série de dificuldades. Em meio a uma tendência de tornar a conduta humana uma ação universal, cada vez mais o homem tem sido levado a repensar o espaço que sua sociedade tem cedido para algo que escapa às tendências coletivas, algo que é da ordem da sua subjetividade. As condutas humanas têm sido padronizadas e é, justamente, este fato que nos chama atenção. Assim, a questão que colocamos é: Seria possível padronizar o homem?

É a partir desse questionamento que essa pesquisa pretende começar a pensar na questão do atraso mental. Ao abordarmos uma problemática, cuja principal implicação é o desenvolvimento intelectual tido como insatisfatório e deficiente pelos padrões científicos e sociais, estamos lidando diretamente com a questão do “saber” e das tendências em universalizá-lo.

A respeito desta tendência temos visto que as crianças aparecem neste cenário como uma das primeiras vítimas de uma sociedade cuja principal atitude tem consistido na exclusão daqueles sujeitos que, por algum motivo, não se identificam com o ideal social. A sociedade moderna, ao valorizar o saber e ao proclamar que “o homem que não tem estudo não é ninguém”, acaba por deixar de fora uma parcela de seus integrantes, faz com que crianças ainda em fase tão prematura se vejam colocadas numa posição inferior em relação aos seus companheiros por não conseguirem apresentar um tipo de resultado padrão.

Incentivados pelo o que a nossa observação e estudo acadêmico nos revelam sobre a difícil realidade vivida pelas crianças portadoras de deficiências mentais pretendemos buscar, através da teoria psicanalítica, uma forma de contribuir para o avanço dos estudos que focalizam esta temática.

Propomo-nos a discutir a questão da criança e a sua relação com o “saber” tendo como princípio fundamental a subjetividade desta criança, isto é, nossa principal linha de raciocínio consiste em pensar nesta criança como um sujeito, dotado de fantasias, sentimentos e temores.

Motivados pelo o que a psicanálise nos ensina, buscamos privilegiar em nossa investigação a singularidade de cada criança e evitar qualquer tipo de olhar que tente padronizar o ser humano. É neste sentido que nos sentimos instigados a pesquisar sobre o atraso mental, procurando privilegiar a subjetividade da criança atrasada e situar a sua posição frente ao desejo de saber.

Porém, ao privilegiarmos a subjetividade da criança atrasada somos levados a reconhecer a existência de um outro sujeito que não podemos deixar de fora de nosso estudo. Ao falarmos de aspectos psíquicos da criança com atraso mental e de sua posição frente ao desejo de saber, pela via da psicanálise, percebemos através de suas formulações teóricas e experiências clínicas que não podemos nos distanciar da relação entre a criança e a sua mãe se quisermos dar conta desta questão.

É na medida em que entendemos a criança e a mãe, como sujeitos estruturados em um discurso, que este trabalho pretende ter como ponto de partida a seguinte questão: *O que ocorre na transmissão da linguagem, na relação entre mãe e filho, que acaba paralisando a criança no estatuto subjetivo de “Débil mental” que lhe foi conferido?*

A criança atrasada e o outro materno

Para Mannoni (1964), todo o estudo da criança atrasada será insuficiente e falho enquanto o sentido da debilidade não for procurado também na mãe da criança. Tal afirmativa nos permite pensar que a criança atrasada, como qualquer outro sujeito, é também um sujeito submetido ao desejo do Outro, logo, o estudo de seu atraso mental não deve se distanciar da relação que é estabelecida entre mãe e filho. É na medida em que Lacan considera a mãe como aquela que encarna a função do primeiro e absoluto Outro na vida de um sujeito que pretendemos dar continuidade ao nosso estudo focalizando a sua relação com o filho atrasado.

A FANTASIA NA RELAÇÃO MÃE-FILHO.

Para que possamos traçar uma visão psicanalítica sobre a relação entre mãe e filho vamos partir de uma importante pergunta: *O que significa para uma mãe o nascimento de um filho?* Na tentativa de responder tal pergunta, Mannoni coloca:

Na medida em que o que deseja no decurso da gravidez é, antes de mais nada, uma recompensa, ou a repetição da sua própria infância, o nascimento de um filho vai ocupar um lugar entre os seus sonhos perdidos: um sonho encarregado de preencher o que ficou vazio no seu próprio passado...Este filho de sonho tem por missão restabelecer, reparar o que na história da mãe foi julgado deficiente, sentido como falta, ou de prolongar aquilo a que ela teve que renunciar” (Mannoni, 1964:30).

A experiência de gerar um filho é vivida pela mãe como um evento psíquico marcante, pois a criança recebe do desejo materno o lugar de objeto de desejo. Encarregada dessa função a criança terá como tarefa ocupar um lugar naquilo que a mãe sente como falta.

No entanto, é preciso lembrar que, para Lacan, um filho já existe muito antes de sua concepção biológica. Antes mesmo de surgir no mundo biológico, já existe uma expectativa que esta criança ocupe um lugar simbólico no desejo de sua mãe.

Desta forma, podemos pensar que o nascimento de um filho representa, para o psiquismo materno, uma tentativa fantasiosa de encontrar com um objeto que sempre lhe faltou. Porém, se o objeto de desejo, tal como nos ensina Lacan, é um objeto que alimenta o desejo fundamentalmente pela sua impossibilidade de ser encontrado, a criança não é levada somente a ocupar um lugar no desejo materno, mas essencialmente ao lugar de uma falta.

A partir do que temos discutido, podemos concluir que o desejo da mãe pode indicar vários caminhos para a criança além do atraso mental. A questão com que nos deparamos é a seguinte: *Por que entre as crianças atrasadas algumas se fixam nessa posição, tornando-se impedidas de avançar até seus limites? O que isso tem a ver com o desejo do Outro? Em outras palavras: o que acontece na relação entre mãe e filho para que ocorra uma fixação da criança numa posição de atraso mental?*

Antes de respondermos a esta pergunta, vejamos como essa questão do atraso mental é interpretada em nosso estudo. Sustentando-nos na posição psicanalítica proposta por Mannoni (1971), entendemos o atraso mental pela sua função de sintoma e não como uma deficiência. Devemos deixar claro que não estamos negando a influência de fatores orgânicos, porém, nossa postura é de não tomar a razão orgânica como única forma de explicar a questão do atraso mental. Concordamos com Mannoni quando ela justifica sua posição:

Todo ser diminuído é considerado inicialmente como um *indivíduo falante*. Esse indivíduo não é o da necessidade, nem ainda o da conduta, nem mesmo o do conhecimento. É um sujeito que pela sua palavra dirige um apelo, procura fazer-se ouvir (Mannoni, 1971: 207).

É, então, pela função de um sintoma que a criança vai se posicionar, como atrasada, em relação ao desejo do Outro. Por sintoma, entendemos aquilo que Freud considerou como um recurso do sujeito frente à falta de uma palavra. Neste sentido, somos levados a pensar no atraso mental enquanto um sintoma que ocupa o lugar de *“uma máscara ou uma palavra cifrada”*, utilizada pela criança como tentativa de responder ao enigma do desejo materno (Mannoni, 1971:49).

Assim, pensemos agora sobre a relação existente entre o que falta ao desejo materno e o sintoma da criança. Para Lacan todo sujeito desejante é motivado por um sentimento de falta, uma nostalgia cuja origem se encontra, também, na questão da castração. O sujeito desejante é aquele que, ao entrar no mundo da palavra, tem a completude do seu ser comprometida e, a partir daí, passará a buscar as palavras, os sentidos que o faça sentir-se menos em falta.

Abordamos essa questão da falta, pois nosso interesse aqui é situar a mãe da criança atrasada como um sujeito que encontra dificuldades em lidar com a sua própria falta. Trata-se de um sujeito que ainda foi incapaz de resolver a problemática dos seus sonhos perdidos – num passado infantil – no nível da linguagem, isto é, de uma forma simbólica. A falta de resolução daquilo que ainda lhe é considerado deficiente e faltoso faz essa mãe tomar a criança como uma forma de preencher seu vazio. No entanto, mesmo a criança não sendo capaz de responder a toda esta demanda, tal fato não é suficiente para fazer a mãe abrir mão do seu objeto.

O filho, enquanto portador de uma função de objeto de desejo, não é capaz de satisfazer toda a demanda da mãe, porque como todo objeto de desejo, ele não faz mais que jogá-la numa cadeia de investimentos sem fim, causando, dessa forma, um sentimento de decepção em sua mãe.

Uma vez decepcionada, a mãe não se vê obrigada a desistir de seu empreendimento e para conseguir o que deseja vai se utilizar de recursos fantasiosos. Vejamos, mais precisamente, como Mannoni aborda esta questão:

Há para a mãe, real ou adotiva, um primeiro estado, semelhante ao sonho, em que ela deseja “um filho”; este filho é, a princípio, uma espécie de evocação alucinatória de qualquer coisa da sua própria infância que foi

perdida. Este filho futuro é, a princípio, no rastro da recordação que ela o cria, uma recordação na qual se acham incluídas todas as dores sofridas, expressas numa linguagem do coração ou do corpo...Este filho, tão ardentemente desejado, quando nasce, isto é, quando o seu pedido se realiza, cria para a mãe a sua primeira decepção: ei-lo aí esse ser de carne – mas já separado dela (Mannoni, 1964:90).

A questão fundamental a ser percebida aqui é justamente a incompatibilidade do sonho materno com aquilo que a mãe sente com o filho já em seus braços, pois, a um nível inconsciente, era com uma espécie de fusão que a mãe sonhava e não com um filho separado dela. Decepcionada, a mãe vai tentar reconstruir seu sonho e para isso ela vai sobrepor ao seu filho uma imagem fantasiosa, cuja principal função será reduzir a sua decepção que, por sua vez, possui toda uma história na infância da mãe (Mannoni, 1964: 90).

Desde então, a relação entre mãe e filho passa a ser governada por um mal entendido, no sentido de que a pessoa concreta do filho não é reconhecida pela mãe senão através de uma fantasia criada por ela própria. O filho, enquanto ser independente a ela tem uma significação completamente diferente em relação à fantasia criada, o que ela procura não reconhecer. Então, o que a mãe faz, desde o início, é “enganar-se” a si mesma através de seu filho.

A respeito do desejo que a mãe nutre por ela, a criança é invadida por uma imensa dúvida e, a partir daí, passa a se fazer a seguinte pergunta: “*O que quer esse Outro?*” Por ser uma pergunta nunca respondida, a criança é levada a construir uma fantasia como resposta. Sendo assim, somos conduzidos a pensar que essas fantasias, nos casos de crianças com atraso mental, ressoam em sintonia com a fantasia criada pela mãe, pois, é desta forma que ela pretende se ver livre da “*angústia de devoramento, que se torna presente em face do desejo enigmático do Outro*” (Miranda, 2002: 86).

Agora já nos é possível esclarecer como o sintoma aparece. Em muitos desses casos, o sintoma é a palavra que falta para a criança responder ao desejo do Outro materno. Não nos esqueçamos de que, segundo Lacan, o desejo do sujeito está sempre implicado no desejo do Outro. Então, se o desejo da mãe é ter a criança como seu objeto de desejo, o atraso mental surge como uma posição subjetiva capaz de satisfazer tanto o desejo da mãe como do filho. Tal como coloca Mannoni:

Todo o desejo de despertar, no filho, vai ser sistematicamente combatido pela mãe – ao ponto que ele acabará por se persuadir que “não pode”. Em todo o caso, é na medida em que “não pode”, que ele ocupa a mãe e é amado por ela (Mannoni, 1964: 93).

O desejo que alimenta a relação entre mãe e filho os conduz a formas mortíferas de satisfação, uma vez que a criança torna-se impedida de desenvolver sua intelectualidade para que assim não comprometa o gozo materno. É claro que temos de considerar esses processos como processos psíquicos inconscientes, pois no discurso manifesto dessas mães elas se colocam como aquelas que se compadecem das tristezas de seus filhos.

Nosso estudo chegou a um ponto que já nos é possível avançar na interpretação da significação que o filho atrasado possui para a mãe. Na teoria psicanalítica, trabalhamos com o conceito de “falo”, como aquilo que representa o significante do desejo e da falta. Através desse conceito, nossa proposta é pensar a criança atrasada como aquela que ocupa o lugar de falo para sua mãe.

Se o falo é aquilo que no nível simbólico vem preencher a falta que constitui o sujeito e se é somente no lugar do Outro que ele tem acesso a esse significante, então, a criança, na tentativa de responder ao desejo materno, torna-se o falo da mãe. É identificando-se com o significante do desejo do Outro, que a criança espera responder ao seu pedido, pois de acordo com Lacan: “*se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-la*” (Lacan, 1958: 700).

O fato de a criança atrasada ocupar o lugar de falo da mãe não é algo que fica sem conseqüências para a vida psíquica dessa criança. O que acontece é que ao se posicionar como falo da mãe a criança acaba posicionando-se, também, como um sintoma da mãe. Sobre este fato, Bernard Nominé faz uma importante leitura:

Sabemos, contudo, que o gozo feminino não se alcança por meio do falo. Uma mulher tem seu próprio objeto, o filho. O filho desempenha o papel de objeto da mãe, e por isso a mãe o veste com a imagem narcísica. A criança se torna, então, falo da mãe. Mas também ocorre que a criança se faça sintoma da mãe, e isso é outra coisa: ela representa a verdade oculta da mãe (Nominé, 2002: 61).

Interessa-nos deixar bem claro que, além de encarnar a função de objeto de desejo da mãe, a criança atrasada é, antes de qualquer coisa, um sintoma da mãe. Apesar de esse sintoma tomar expressão no discurso da criança, não podemos nos enganar que o sintoma é exclusivamente da criança. O fato de ser um sintoma do Outro é uma situação bastante diferente de ter um sintoma, tal como nos explica Nominé:

Ter um sintoma e ser sintoma de outro são coisas diferentes. A criança sintoma da mãe não se queixa. A mãe, sim, queixa-se, mas seu sintoma, não. A criança sintoma não fala, a mãe a faz falar, e quando fala, só fala a língua da mãe, diz parcialmente verdades da mãe, pois o filho sintoma não pode articular nenhum saber (Nominé, 2002: 61).

Portanto, podemos constatar que a posição em que se encontra a criança atrasada é a de um sujeito cujo discurso não lhe é próprio, trata-se de um discurso cuja palavra encontra sua origem na angústia materna. A fusão entre o discurso materno e o discurso da criança é tão intenso que os dois parecem viver uma só história, ou seja, *“a criança e a mãe formam, em certos momentos, um só corpo, confundindo-se tanto o desejo de um com o do outro”* (Mannoni, 1964: 83).

Ao explorarmos o destino infantil frente ao desejo materno, cabe também perguntarmo-nos: o que acontece com o desejo da própria criança, ou melhor, o que a criança faz do seu próprio desejo? Para Mannoni,

O filho destinado a preencher a insuficiência do ser da mãe, não tem outra significação senão existir para ela e não para si próprio. Responder ao pedido da mãe, é, diríamos nós, criar sempre um mal-entendido, visto que para além do que a mãe formula é outra coisa que ela visa, mas sem ter consciência disso. E a toda a pretensão do filho à autonomia, vai corresponder imediatamente a desaparecimento, para a mãe, do suporte fantasmagórico de que ela tem necessidade (Mannoni, 1964: 92).

Correspondendo ao pedido de sua mãe a criança passa a não possuir uma existência própria de sujeito, vive como se fosse uma sombra. Podemos dizer que a criança não sabe que é chamada a representar um papel para satisfazer o voto inconsciente materno, e, sem esse conhecimento seu desejo é raptado pelo desejo da mãe.

Como podemos ver, esta relação não se constitui como uma relação de dois sujeitos, há apenas um sujeito cujo desejo é prevalecente e esse sujeito é a mãe. A relação de desejo entre mãe e filho consiste, portanto, numa dialética. O desejo materno só poderá se fazer dominante caso exista uma respectiva submissão do desejo do filho. Em outras palavras, a mãe só pode assegurar o seu desejo na medida em que nega o desejo do filho tentando impor a ele o seu próprio desejo.

Estando, assim, raptada pelo desejo materno a criança não vê outra saída para seu desejo senão procurar, através de um sintoma, contemplar aquilo que é mediatizado pelo desejo do Outro. Através de um atraso mental esta criança se anula enquanto sujeito desejante e partir daí seu lugar passa a ser buscado em torno de um estatuto de falo de sua mãe.

O atraso mental vai ser o termo no qual a criança se apegará para sustentar o seu lugar no desejo do Outro. Abrindo mão de um saber intelectual estas crianças se livram da ameaça de algum dia

deixarem suas mães sem o suporte de que necessitam. Trata-se mesmo de uma situação paradoxal: para não perder o amor de sua mãe a criança tentará dar a ela aquilo que ela também não tem, mesmo que isso signifique um grande prejuízo para sua intelectualidade, e, também, para sua subjetividade.

Feita esta abordagem sobre a criança atrasada e o sintoma, pensemos na relação da criança com a sua proibição de “saber”.

A criança atrasada e o saber proibido

Um dos dramas que as mães de crianças atrasadas vivenciam é a sua solidão, governada por conflitos de que elas não podem falar. O filho participa sempre desse mundo de pesadelo da mãe e acaba sendo marcado por ele. A criança atrasada, como já dissemos, é então tanto objeto de fascínio da mãe quanto objeto que a remete a uma angústia que não pode ser dita.

A expressão desse pesadelo recebe uma palavra no discurso sintomático do seu filho – sendo a criança expressão da angústia materna –, portanto, ele não pode vir a possuir um saber, pois, caso contrário ele estaria colocando a sua mãe de frente com a sua própria angústia.

Quando colocamos a palavra angústia, estamos nos referindo a uma situação na qual *“o que caracteriza a situação de angústia é a impossibilidade, para o indivíduo, de utilizar a palavra como mediadora. Quando consegue traduzir o que sente em palavras, já não há verdadeiramente angústia”* (Mannoni, 1964:36). Desta maneira, a função da criança atrasada é representar, através de seu sintoma, tudo aquilo que na mãe não pode tomar um sentido, tudo o que na mãe não pode ser simbolizado.

Através de toda a nossa discussão sobre o saber e o desejo de adquiri-lo, somos levados a crer que o saber leva o sujeito a se defrontar com algumas verdades, muitas vezes difíceis de serem suportadas. Se o saber é uma atividade intelectual, mas que em seu princípio é uma atividade sexual, qualquer saber humano traz implícito em si mesmo uma tentativa de compreender a sua sexualidade infantil. Portanto, se a criança atrasada está situada no lugar de uma palavra que não pode ser dita sobre o saber materno, e se ela se encontra completamente indiferenciada da mãe, conseqüentemente o seu saber torna-se ameaçador e angustiante.

A possibilidade de a criança vir a possuir um saber representará a possibilidade de submersão de conteúdos recalcados e conflituosos que se encontram enterrados no passado da mãe. Assim, a angústia que governa o discurso materno passará a governar também o saber da criança e, assim, ele deixará de lado qualquer expectativa de progredir intelectualmente.

É neste sentido que entendemos a questão do atraso mental, não como uma capacidade deficiente do sujeito diante um saber escolar, mas como um saber que remonta o sujeito à sua origem e a seu lugar no desejo do Outro e que, no caso da criança atrasada, soa como proibido para essa criança.

O saber proporcionaria à criança a possibilidade de encontrar uma palavra que, aos ouvidos de sua mãe, seria considerada uma palavra “mal-dita”. Chamamos de “mal-dita” por ser ela um conteúdo que não pode ser simbolizado no discurso materno e, também, por ser aquilo que governa a angústia materna.

A criança atrasada ocupando sua função de falo materno não faz mais do que trazer para o íntimo do seu ser aquilo que é vivido na mãe como sendo algo da ordem do horror. É através de seu sintoma que a criança vai proteger sua mãe contra a angústia, ou seja, o que caracteriza essas crianças é que elas existem apenas como testemunhas de uma angústia que provocam em suas mães.

O que temos pronunciado aqui não nos permite criar um julgamento moral sobre estas mães. O destino sintomático tomado pela criança atrasada não deve ser tomado como uma atitude cruel e consciente dessas mães. O que nosso estudo nos permite é pensar na sintonia, no nível inconsciente, entre aquilo que é vivido como mal entendido na mãe e o sintoma no qual se estrutura a criança. Sobre o amor entre mãe e filho, Mannoni faz uma importante observação:

É a mãe que vai travar, contra a inércia ou a indiferença social, uma longa batalha a favor da saúde do seu filho deficiente; saúde que ela reivindica guardando um moral de ferro no meio da hostilidade e do desencorajamento (Mannoni, 1964: 26).

Apesar de todo esse desempenho e dedicação caridosa ao filho sabemos que o que governa esta relação, é também, um sentimento de angústia. Concomitante ao amor materno existe um outro tipo de sentimento perante este filho que, apesar de ser seu objeto fálico, não é capaz de evitar sua angústia frente aquilo que não pode ser dito. Assim, a relação de amor entre mãe e filho “*terá sempre um ressaibo de morte, de morte negada, disfarçada a maior das vezes em amor sublime*” (Mannoni, 1964: 25).

Este sentimento se faz presente porque mesmo colocado na instância de sintoma da mãe, a mãe não se vê completamente livre de uma angústia que é, antes de tudo, pertencente a ela mesma. Por isso, toda a depreciação do seu filho será sentida pela mãe como uma depreciação de si própria e toda a condenação do filho representará a sua própria sentença de morte.

Sobre a situação da criança atrasada, o nosso estudo nos revela que trata-se de um sujeito cujo desejo está nas mãos de um Outro. Raptado pelo desejo materno, ele passa a ser um representante simbólico do falo materno e daí em diante, verá a sua possibilidade de sublimar a pulsão de saber ser anulada. Sua sina é, então, preencher um lugar na fenda desejante de sua mãe, é incorporar uma palavra que traduza a angústia materna frente o seu destino cruel de ser um sujeito de fala, um sujeito faltante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho que percorremos foi motivado pela intenção de conduzir nossa pesquisa destacando algumas contribuições de Sigmund Freud e de alguns teóricos contemporâneos da psicanálise acreditando que nosso empenho em realizar este trabalho possa contribuir para aqueles que se interessam pelo tema.

Partimos da discussão sobre o valor que o “saber” possui para o mundo moderno e a posição em que se encontram aqueles sujeitos, cuja relação com o saber não os permite estar em compatibilidade com os padrões sociais. A tentativa de padronizar o “saber” tem trazido como consequência a exclusão daqueles que se apresentam como diferentes. A mesma sociedade que se lança cegamente, no empreendimento de padronizar as ações humanas e que acaba por criar exclusão, é também a responsável pela criação de serviços para a recuperação daqueles que não correspondem às suas premissas.

A escola especial surge, então, como uma escola especializada em atender crianças que necessitam de uma educação especial. Entretanto, o que se propaga na prática destas instituições é, também, a idéia de que estas crianças necessitam de uma reeducação – um processo que visa remodelar o comportamento infantil em função de um padrão “normal” – esquecendo-se de valorizar a subjetividade da criança e de respeitá-la enquanto sujeito.

Assim, as práticas educativas da sociedade contemporânea têm contribuído pouco para o bem-estar dessas crianças uma vez que, a pretensão dos métodos de reeducação baseados em diagnósticos objetivantes sustentados pelo discurso da ciência, acabam por silenciá-las impedindo-as de pronunciarem-se sobre o seu sintoma.

Através de nosso estudo constatamos que o profissional – seja ele de que área for – ao buscar a elucidação do sintoma infantil encontra-se frente à necessidade de proporcionar uma escuta a estas crianças. Se a criança encontra-se numa situação na qual não se faz proprietária do seu próprio discurso, qualquer tentativa terapêutica que desconsidere a escuta de sua fala, para além da queixa sintomática, estará contribuindo para que, cada vez mais, sua subjetividade continue escondida por detrás daquilo que o Outro diz sobre ela.

A criança com atraso mental é revelada, em nosso estudo, não como aquela que é portadora de um sintoma próprio. Assim como suas palavras não são capazes de dizer algo sobre si mesmas, pelo fato de serem a expressão da angústia materna, seu sintoma também não é seu, pelo fato de o sintoma revelar-se como aquela palavra que falta para responder ao desejo do Outro.

Percorrido esse caminho, podemos levantar um dos pontos centrais do trabalho: se o atraso mental pode ser considerado como uma certa posição subjetiva frente ao desejo do Outro, logo deve haver possibilidades dessa posição ser modificada. Partimos do princípio de que a criança atrasada não tem que fazer face somente a uma deficiência que lhe compromete, em termos de

desenvolvimento intelectual, ela tem que fazer face, principalmente, aquilo que é da ordem do desejo, quer dizer, de poder projetar-se para além daquilo que o Outro definiu para ela. Desta forma, concomitante aos déficits orgânicos que possam estar em jogo, a criança defronta-se com o desafio de poder colocar-se no lugar de sujeito desejante ao invés de permanecer fixado na posição de objeto materno.

Nesse sentido, concluímos que a psicanálise tem muito a contribuir para esta questão, na medida em que defende uma abordagem centrada no discurso do sujeito visando à possibilidade de resgatar a posse de seu próprio desejo. Ao propor a escuta da fala da criança, a psicanálise aposta no aparecimento do sujeito que se encontra mascarado pelo sintoma.

Entendemos, então, que todo trabalho realizado com a criança atrasada irá, conseqüentemente, atingir a mãe. Nosso estudo nos permite pensar que a partir do momento em que a criança começar a despontar enquanto sujeito portador de um desejo, algo da verdade do sintoma infantil poderá vir à tona, e isso implicará, provavelmente, em uma angústia e em uma resistência materna frente às mudanças ocorridas em seu filho. Logo, entendemos ser interessante que o profissional inclua a mãe da criança no trabalho analítico para que ela possa elaborar os sentimentos e fantasias que estejam funcionando como empecilhos à ascensão da criança enquanto sujeito desejante e ao seu avanço intelectual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, Jacques. *A significação do falo*, in Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1958.

MANNONI, Maud. *A criança atrasada e a mãe*. São Paulo: Martins Fontes Ed, 1964.

_____ *A criança sua “doença” e os outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1971.

MIRANDA, Elizabeth da Rocha. *Debilidade mental e estrutura clínica*. Em: Revista Marraio 3, Impasses do Saber. Formações Clínicas do Campo Lacaniano nº3, Rio de Janeiro: Editora Rios Ambiciosos. 2002.

NOMINÉ, Bernard. *A criança e o saber*. Em: Revista Marraio 3, Impasses do Saber. Formações Clínicas do Campo Lacaniano nº3, Rio de Janeiro: Editora Rios Ambiciosos. 2002.